

Memórias do Brasil
Lia de Itamaracá

INTRO

Inserts de pôr do sol, praia, Santa, quadros de arte.

Lia de Itamaracá em frente ao espelho colocando

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: Eu gosto da vida, eu gosto de viver, eu me amo para poder amar os outros, primeiro tem que me amar, para poder amar os outros, é isso que eu me sinto e me sinto muito bem.

Em OFF Lia de Itamaracá canta *Eu sou Lia (Ciranda de Lia)*
Eu sou Lia da beira do Mar, morena queimada do sal e do sol.
Da ilha de Itamaracá.

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: Quem é que não tem medo do mar? Principalmente quem não sabe nadar. Eu respeito muito o mar, tenho muito respeito, o mar é mais forte do que eu.

Em OFF Lia de Itamaracá canta *Eu sou Lia (Ciranda de Lia)*
Me criei cantando, vendo o céu e o mar, nas praias da ilha de Itamaracá.

(PM) LIA DE ITAMARACÁ: É uma harmonia, carinho, eu gosto de fazer, eu gosto de cantar, é um sucesso. Essa música é um sucesso. Já é, já ganhei um ponto.

Vinheta de abertura

BLOCO 1

Inserts, pôr no sol na praia, igreja.

(PM) MARIA ALICE AMORIM: Itamaracá é uma ilha que tem muita história e o forte, a ocupação Holandesa, os Portugueses... A gente tem vários imóveis que são imóveis históricos.

Imagens da praia, lugares históricos, pessoas na rua.

(V.O) MARIA ALICE AMORIM: E sobretudo muita história, muita cultura.

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: Eu nasci e me criei na ilha, bem tranquila, calma, muito calma. Aí essas pessoas vêm e alugam a casa, fica por aqui. A ilha é bacana, bem bacana mesmo.

(V.O) ROSIANE DA SILVA: Para essa cidade a Lia tem muito valor.

(PM) ROSIANE DA SILVA: É uma cultura viva da Lia. Então Itamaracá, Lia é a rainha da ciranda.

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: Eu saio, trabalho, ganho meu dinheirinho.

(PP) LIA DE ITAMARACÁ: E venho embora para a minha ilha. Que é aqui onde eu me inspiro. Ela é minha ilha, não tenho vontade de sair dela não.

(V.O MARIA ALICE AMORIM: Até justifica também o que canta a própria Lia, que é como se fosse sei lá... Iemanjá! Saindo das águas de lá de Itamaracá.

(PM) LIA DE ITAMARACÁ: A ciranda é inspirada na onda do mar. A onda gira, gira, gira, gira, gira... Pé esquerdo, aí segue, sempre o pé esquerdo. Se dançar com o pé direito fica atrapalhado. Acompanha a onda do mar, o batuque dos micos e a gente segue. Girando, girando, girando e a roda girando, a roda girando, a roda girando... O manejo é esse. Nunca bote o pé direito de frente, sempre pé esquerdo e segue.

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: E a ciranda gira, e a ciranda gira. Sobe o som de trompete.

(ON) BIU NEGÃO tocando trompete.

(ON) Dulce e Bill Baracho cantam trecho de "Quem me deu foi Lia"

Eu estava na beira da praia, ouvindo as pancadas da onda do mar.

Eu estava na beira da praia, ouvindo as pancadas da onda do mar.

(PM) MARCELO MELO: Esta ciranda quem me deu foi Lia
Que mora na Ilha de Itamaracá
Que mora na Ilha de Itamaracá.

(PM) BIU NEGÃO: É um hino, considera-se isso hino, imortalizou. Onde chega, isso aí, é de cor e salteado, como diz os outros.

(V.O) ISAAR: Lia é uma exuberância de pessoa, de força e muito mais, de tudo o que ela já fez, assim de cantora.

(PM) ISAAR: A figura dela traz muito isso, ela não precisa de ninguém nem saber o que ela canta. Assim, a pessoa que nunca ouviu a voz de Lia, não tô falando dela musicalmente,

tô falando assim, ela, a figura dela é uma exuberância de postura.

Fotos de Lia de Itamaracá

(V.O) ISAAR: Ela traz muita coisa só de chegada.

(V.O) ROSIANE DA SILVA: E ela representa muito bem a mulher negra, a mulher africana e ela tem o prazer de falar sempre isso. De se vestir como tal e de se sentir como tal.

(V.O) MARCELO MELO: É uma mulher bonita, alta, grande, negra, linda.

(PM) MARCELO MELO: Então quando ela entra no palco, ela tem uma aura muito especial, ela tem um carisma muito especial. E quando ela solta a voz, cantando aquela coisa que faz parte do seu sentimento maior, ela emplaca.

Fotos de Lia de Itamaracá

(PM) MARIA ALICE AMORIM: É uma mulher que tem um poder imenso, uma mulher negra, pobre, de uma comunidade, que está digamos, a margem da metrópole.

Fotos de Lia de Itamaracá

(VO) MARIA ALICE AMORIM: No final das contas, Lia detêm essas forças, esse poder. E esse poder é muito importante tanto quando a gente fala sobre gênero quando a gente fala sobre cultura.

(V.O) TONY BOY: Pela essência que veio de ser uma preta, passar pelo o que ela passou, merendeira, de tá com a família sem ser a família dela. Sem ser a mãe, sem os irmãos, sem o pai.

(PM) TONY BOY: Desde os 12 anos, segurar a voz que tem com a ciranda e consegui encantar como ela encanta a onde chega. Porque as crianças param para ver Lia cantando, adultos, todas essas pessoas. Então acho que Lia é além, é difícil descrever.

(PM) BIU NEGÃO: Lia para mim, eu descrevo ela como a divindade.

Cenas da parte interna de uma casa

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: Meu pai deixou duas famílias, ele já faleceu. Uma família com 11 filhos e outra com 7. Dos 7 aqui só resta eu.

(PP) LIA DE ITAMARACÁ: A gente não tinha um prato para comer, a gente não tinha um copo para tomar água, nada. Se dormia, ela fazia aquelas camas de vara, na época a gente não podia. Aqueles sacos, de açúcar a gente lavava direitinho, era lençol. Até roupa ela fazia para a gente vestir. Porque não tinha dinheiro para comprar roupa para vestir.
Fotos dos pais de Lia.

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: Muito cruel.

(PM) LIA DE ITAMARACÁ: A minha mãe quando veio de lá do outro lado de Sossego, fizeram de lá. E quando chegou aqui, tinha um proprietário que estava precisando de uma pessoa para trabalhar.

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: E ela disse: "Olhe eu não posso deixar meus filhos no sítio sozinhos, para ir trabalhar. " Aí eles disseram: "Não, por isso não, você traga seus filhos. Vai ficar você e seus filhos tudo aqui nessa casa.

(PM) LIA DE ITAMARACÁ: E eu fui com a idade de 10 anos, já sabia levar um recado, lavava um prato, andava, virava.

Imagens da praia

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: Mais mesmo assim, eles acabaram de criar esses filhos da minha mãe.

(PM) CLÊNIO SIERRA: E se criou uma relação de familiaridade a ponto de ela chamar o Santina de pai, painho.

Fotos acervo

(VO) CLÊNIO SIERRA: Ao mesmo tempo uma gratidão, por essa família ter acolhido eles, ela era tratada como uma mucama da casa, ela e os irmãos, sabe?

(PM) CLÊNIO SIERRA: De ter que fazer o serviço da casa, de ter que tratar disso, ela tem um certo ranço, é uma gratidão que se mistura com esse ranço.

Sobe som, foto de arquivo

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: Um carinho. Eu me lascava na teta dela.

(PM) LIA DE ITAMARACÁ: Eu mamei até os sete anos. Era leite viu neguinha misericórdia. Ela gostava de um cachimbo, ela fumava um cachimbo. Ela gostava de tomar uma cana, tomava dois dedinhos de cana. Ela pegava a esteira, botava no chão. "Traz meu tição de fogo ai Lia" eu dizia "Já vou mãe!" Doida

que ela deitasse para eu ir mamar debaixo da teta dela para puxar. O povo fazia "Matilde, essa menina vai te matar. " "Que matar que nada, ela não come nada, eu vou fazer o que? Eu vou jogar o leite fora? Não pode". Eu dava o tição de fogo, ela se sentava, ali, dava as "fumaçadas" dela, quando ela pegava no sono eu dizia "É agora! " Quando ela vinha tomar continência do tempo, já estava os peitos tudo seco.

Fotos de acervo

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: Morreu e não viu o meu sucesso, mas que eu falei a palavra para ela, falava.

(PM) LIA DE ITAMARACÁ: Mais infelizmente ela morreu e não viu. É mais fazer o que? Deus chamou, tem que ir minha filha, fazer o que?

Sobe som. Imagens da praia.

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: Eu me balançando nessas palhas, eu queria ser era uma cantora, para ir para os parques de diversão. Correr naqueles parques! Quando eu vinha para casa, minha mãe já estava com o "cipozinho" para dar nas minhas pernas. "Menina eu tava brincando, oxe e precisa bater é?"

(PM) LIA DE ITAMARACÁ: Eu gostava muito de ver a pessoa cantar, eu amava que ele cantava, e eu dizia "Eu quero ser uma cantora para estar no meio desse "povo tudo". Eu tenho uma irmã que ela dizia "Lia, tu vai cantar mesmo no meio desse povo todinho para esse povo tá olhando para tua cara? " Eu digo "Oxente, o que é quer tem? Eu vou cantar! Jesus Cristo não agradou a todos." E eu vou cantar neguinha, Deus sabes o remédio, mais eu vou.

Vídeo de arquivo, Lia cantando *Ôh moça, namoradeira*

Ô, moça namoradeira

Lá na porteira onde o pássaro cantava

Ô, moça namoradeira

Lá na porteira onde o pássaro cantava

(PM) LIA DE ITAMARACÁ: Eu espero que, tenha vantagem, ganhe dinheiro. Apesar de que eu tenho tanta fama e não tenho dinheiro. Eu espero agora, se Deus quiser, ganhar. Esse é o meu desejo.

Ô, moça namoradeira

Lá na porteira onde o pássaro cantava

Ô, moça namoradeira

(PM) LIA DE ITAMARACÁ: Teca Calazans teve aqui em 61 para 62, ela me ouvindo cantar pediu para cantar uma música para ela. Ela hospedou-se em uma casa...

Fotos de arquivo Teca Calazans

(V.O) LI DE ITAMARACÁ: Perto da casa onde eu fui criada, eu já tava nessa casa, ai ela pediu para eu cantar uma música pra ela. Eu segui para praia, eu, ela. Ela tinha violão, ela tinha gravador, e eu não sabia que ela tinha tudo isso. Na praia, eu...

(PM) LIA DE ITAMARACÁ: Escavacando a areia, ai surgiu essa "Quem me deu foi Lia" eu solfejei a música para ela "Quem me deu foi Lia". Ela disse "Lia, essa música é um amor, eu vou pôr letra nisso, será uma ciranda em sua homenagem. "

(PM) CLÊNIO SIERRA: Pra mim, como eu já escutei várias versões, pra mim se trata de uma história inconclusa. Não é possível que Lia tenha criado isso da imaginação dela. Porque ela conta com uma natureza de detalhes tão interessantes, que como é que Lia imaginou isso? E ao mesmo tempo eu fico dizendo "Por que é que Teca fica negando esse encontro? Teca nega que até veio aqui, a ilha."

Foto dos disco Lia de Itamaracá a Rainha da Ciranda

(V.O) CLÊNIO SIERRA: Desde o primeiro disco de Lia, o primeiro trabalho que é de setenta e sete no encarte Ozires Dins que foi o assistente de produção, assistente de Fernando Borges, diz que Lia, foi uma descoberta de Teca, sabe? E a gente sente que quando ela fala com uma certa reverência a Teca, e eu não sei por que Teca nega. Porque ela diz "Teca me descobriu".

(PM) CLÊNIO SIERRA: Tanto essa do encontro com Teca, quanto a questão do encontro com a própria música "Quem me deu foi Lia". Porque eu já entrevistei as filhas de Baracho Dulce e Bill, ai elas "Não, essa Lia, talvez seja a minha irmã." Porque na verdade eram três irmãs que acompanhavam o pai desde criança. A outra deixou de acompanhar, ai ela acha que é a outra irmã. A outra filha de Baracho.

(PM) DULCE BARACHO: E desde que meu pai faleceu que essa ciranda rola, tem essa polêmica, mais ninguém nunca veio brigar com a gente. Nunca vi "Não essa ciranda é minha!" Essa ciranda é do meu pai, é do meu pai mesmo. Foi ele quem criou essa ciranda. Ela e muitas, onde meu pai chegava era uma ciranda, tava feita. Na hora, feito caldo de cana. Ele não tinha nada que cochilar, nem gravar, botar em lápis., nem tirar pedaço de um, pedaço de outro. E eles costuraram

a ciranda do meu pai, remendaram. Todas as cirandas do meu pai, remendaram. Se tem morena vem verde, bota morena vem cá. Sabe, muda.

Vídeo de arquivo

ANTÔNIO BARACHO: O mestre de ciranda e de maracatu, ele deve ser inventor, criador, compositor e autor. Ter a sua veia poeta e viver da deusa. Tá ouvindo? Da poesia. E viver de sua melodia.

Dulce e Bill Baracho cantam *Preta Cirandeira*

(V.O) DULCE: Filho de Nazaré, pai foi Abreu Lima, hoje a ciranda é cantada nas lindas praia de Olinda. Filho de Nazaré, pai foi Abreu Lima,

(PM) DULCE: Hoje a ciranda é cantada nas lindas praias de Olinda, mestre Li Maracatu, também morou em Goiânia, hoje ciranda é escola, vinda da palha da cana. Mestre Baracho venceu, a sua fama se canta.

(V.O) O nosso rei não morreu ele e o Rei da ciranda!

(V.O) CLÊNIO SIERRA: Mestre Baracho gravou um disco em setenta e três, uma pesquisa feita por Quinteto Violado.

(PM) CLÊNIO SIERRA: Em setenta e cinco um grande cantor de frevo, Claudionor Germano grava um disco todo de cirandas. Lia só vai gravar em setenta e sete nessa época ainda tava digamos, ainda é uma época de ouro. Porque tanto a prefeitura do Recife, como o governo do estado tem dado esse suporte a ciranda estava se encaminhando. Mas depois, quando findaram esses festivais dos anos oitenta é que começa a decadência.

(PM) LIA DE ITAMARACÁ: Que é difícil é né? Porque tudo tem dificuldade, você só tem as coisas com dificuldade. Nada fácil presta, tem que lutar para adquirir aquilo tem que você quer fazer. E eu lutei. A música não é fácil não. Na ciranda não é fácil não teve muito boi na linha. E aquilo não era Lia, era minha mãe, era minha vó. Minha mãe não sabia nem pra onde ia. Coitada, nem alcançou o meu sucesso. A minha vó piorou que não me conheceu em cena.

Fotos de arquivo

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: Então o que eu tenho quem me Deus, só Deus. Todo o meu sonho era cantar. Deus me deu esse dom, me deu essa luz. De poder realizar o meu sonho e não ficar só para mim como, distribuir.

Sobe som

(PM) ISAAR: Que vida boa é do pescador, quando ele chega no alto no mar. Que vida boa é do pescador, quando ele no alto mar, pescando peixe de linha, de longe ouvindo a sereia cantar. Lá, lá, lá e a canoa remando para lá e para cá. Lá, lá, lá e a canoa remando, pra lá e para cá. É lindo.

Ciranda em animação.

(V.O) CLÊNIO SIERRA: Essa ciranda sai do gueto, do subúrbio e vai para cidade. É interessante esse movimento porque a indústria do turismo, a Hiper Tour é a estadual, quanto a municipal do a EMETUR que era do Recife, começa a usar a ciranda como instrumento turístico. Divulgação do estado, então promove festivais de ciranda. Após acontecerem o festivais de ciranda do Parque São Pedro que era o maior cenário. Ali no centro do Bairro Santo Antônio, no bairro do Janga, no Restaurante chamado Cobiçado De Dona Duda. E esse movimento é muito interessante pois começa a valorizar.

(PM) CLÊNIO SIERRA: De certa forma começa a valorizar. Também de certa forma desvirtua, porque começa a impor. "Óh, vai ter que ser no tablado. Vai ter que ser no palco." As cirandas aconteciam nas esquinas de rua e pátios de igrejas e nos terreiros das casas, então ainda quando a indústria e o turismo vem, ela impõe condições. Vai acontecer aqui, mais é desse jeito que vai ser a iluminação. Vocês podem acrescentar esse instrumento?

(PM) JOSÉ ANTÔNIO: A gente ficou tocando todo sábado, Dona Creuza no bar Sargaço, todo sábado a gente ficava tocando e no domingo, fazia Boa Viagem.

(PM) CLÊNIO SIERRA: Lia começa a trabalhar na verdade no bar de Creuza, Creuza Albuquerque já na década de setenta, ela trabalhou quase cinco anos.

(PM) LIA DE ITAMARACÁ: O ponto turístico era esse, Bar Sargaço. Pois é, vamos para ciranda de Lia, vamos casa de Lia, a dona da Sargaço picada porque não ficava nela, porque o pessoal só dizia que o bar era meu. Eu digo "Que problema me jogaram. Minha gente esse bar não é meu não, é de Dona Creuza." "É de Lia, é de Lia, vamos para o bar de Lia." E era lotado. Ela não gostava não. Eu digo "Minha filha se conforme pelo amor de Deus. Você não sabe que é meu? É seu?" Mas deixa pra lá vá.

(PM) MARCELO RENAN: Nos anos setenta quando ela gravou o primeiro disco, *Rainha da Ciranda*, em setenta e sete pela Rosa in Blite.

Fotos de Lia de Itamaracá

(V.O) MARCELO RENAN: Ela foi tirada de Itamaracá e passou a circular no Brasil, passou a ser colocada no contexto nacional como artista, coisa que muitos cirandeiros, muitos mestres de cultura popular nunca chegam a vivenciar, essa experiência de serem elevados a artistas, eles são vistos como mestres, mas nunca são tratados como artistas.

(PM) MARCELO RENAN: E depois ela cai no ostracismo, ela passa muitos anos sem ser reconhecida com a artista com o potencial que ela tinha.

(PM) CLÊNIO SIERRA: Talvez por ela ter sido afastada, "escantiada" não só ela, como os outros cirandeiros, João Del Gairada, João Limoeiro o Baracho ainda tava vivo, que o Baracho morre em 1988. Ela mergulha no alcoolismo.

(V.O) CLÊNIO SIERRA: Aí isso vai ser muito triste pois vai acontecer nesse época o episódio do incêndio da casa dela.

(PM) CLÊNIO SIERRA: Que ela conta que acha que foi criminoso.

(PM) GANGA BARRETO: Eu tinha treze anos de idade, quando Lia passou na televisão, minha mãe sempre falava muito de Lia e dizia "Olha essa é uma mulher guerreira, é uma mulher forte." Eu eu já tocava percussão, na verdade, comecei aos 5 anos de idade com um grupo de percussão em Olinda, em uma Escola de Samba. Daí então fui tocando e meus pais me acompanhando e eu sempre... Aos 13 anos de idade eu vi na televisão, a notícia que tava dando que a casa dela pegou fogo e foi uma coisa que me chamou muita atenção. Quando eu olhei para ela eu disse "Mãe, que mulher é essa? Um dia eu vou tocar com Lia." Virei para ela e disse "Um dia eu vou tocar com Lia." E aí minha mãe disse "É?" Eu disse "É mãe, vou tocar com Lia". E aí em 2000, eu fui ver a Lia no parque de São Pedro, tocando, eu entrei no camarim, aí ela olhou para mim e disse assim, me chamou de menininha. "Menininha, eu quero você comigo"! Aquilo para mim foi um choque muito grande, porque eu tinha aquela coisa dentro de mim. Eu sentia que um dia eu ia chegar próximo a ela e isso de fato aconteceu. Eu fiquei muito feliz

(PM) MARCELO RENAN: Nesse ambiente onde vive em Itamaracá, ela é respeitada como artista, e pela influência que ela tem com as pessoas de lá não pelo mundo artístico. Mas pelo respeito e dignidade com que ela leva para a vida dela e que ela influencia as pessoas ao redor dela.

Fotos de arquivo

(V.O) MARCELO RENAN: E esse resgate, essa volta de Lia Itamaracá, desde os anos 90 aos anos 2000, esse retorno dela enquanto artista, e passa a sair de Itamaracá e ir para o Japão, ir para a França, E3stados Unidos, vários países do mundo, ela também levou pessoas de Itamaracá, ela leva artistas que ela forma lá, percussionista principalmente.

(PM) MARCELO RENAN: Posso até ser ousado em dizer, que Lia de Itamaracá é mais respeitada do que qualquer prefeito que assumir aqui a ilha. Ela tem uma influência, um respeito que vai muito além de ser artista.

Lia de Itamaracá cantando *Minha Ciranda*

Minha ciranda não é minha só

É de todos nós

A melodia principal quem tira

É a primeira voz

É a primeira voz

Vem dançar ciranda

Juntamos mão com mão

(PM) ISAAR: Na verdade, a música brasileira é essa. Essa é a música tradicional o resto é link, o resto é link. É link com bossa nova, é link com música clássica, a música brasileira é essa. Então os grandes...

(V.O) ISAAR: Artistas brasileiros fizeram um link com essa música tradicional, Villa Lobos, Caetano e Gil, Alceu Valença, grandes nomes fizeram esse link. Eu acredito que essa é a origem da nossa música.

(PM) ISAAR: O que vinher junto é relíquia, estamos "lincado" a muito tempo. Essa história que "Ah vamos fazer um mix". São maneiras novas de misturar e de "linicar" porque a gente sempre teve isso.

(V.O) ROSIANE DA SILVA: Ela foi lá ensinar os alunos a como se dança ciranda. Ela mesma toda arrumada, produzida e dançando com os alunos. Então pra ela isso vai ser ótimo, vai ser uma motivação muito grande para ela.

(PM) ROSIANE DA SILVA: Ela vai amar esse momento e ela vai desenvolver isso com muita eficácia.

Lia de Itamaracá na parte interna da escola.

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: Pra mim não é desafio não, pra mim é o amor em querer aprender.

Vinheta de passagem de bloco

BLOCO 2

Vinheta

Lia de Itamaracá em frente ao espelho passando batom,

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: Eu trabalhei em uma escola como merendeira 30 anos, mas trabalhei com merenda para 270 crianças. Era eu sozinha para cozinhar, zelar a escola, não tinha ninguém para me ajudar e era eu sozinha. Fazia a merenda dos meninos, terminava a merenda dos meninos eu ia cantar com eles enquanto a comida estava esfriando eu botava eles no galpão, ia cantar, ia dançar com eles, para eles não ter que estar lascando a cabeça dos outros de pedra, porque menino cega a gente.

(PM) SANDRA NASCIMENTO: Enquanto ela não viajava ela ficava aqui o dia todo, e trabalhávamos juntas. Só quando ela as vezes ela tinha que fazer viagens, passava o dia fora, eu ficava só, eu e outra merendeira.

Lia revisitando a escola onde trabalhava

(V.O) CLÊNIO SIERRA: Houve um momento que o próprio governo achou ruim porque vinham jornalistas, vinham as pessoas para fazer festa sobre Lia "E cadê Lia?" Lia tava na cozinha. Não era bom nem para a imagem do estado, penso eu e nem para própria Lia. Porque de certa forma era como se Lia fosse uma mucama. Uma mulher negra, semianalfabeta que largou a escola cedo, porque tinha que ajudar a mãe a criar a família, a criar os filhos. E tava na cozinha preparando comida para os alunos.

(PM) CLÊNIO SIERRA: Não que ela desmerecesse, ela sempre enfatiza isso, que ela gosta. Aquilo dava muito orgulho a ela. Eu costumo dizer em alguns textos que eu já escrevi que algumas coisas que eu já escrevi, que de certa forma ela se realizava como mãe naquela escola, com aquelas crianças. Porque ela nunca conseguiu ter filhos, Chica que ela apresenta como filha não é filha, é a filha de criação. Os filhos delas não vingaram.

(PM) LORETA NASCIMENTO: Ela é irmã do meu pai.

(V.O) LORENA NASCIMENTO: Meus avós, minha mãe biológica, me abandonou, aí me deixou na casa da minha vó. Minha vó faleceu aí Lia me criou. O primeiro LP de Lia, ela me colocou em um convento de internato porque tinha que fazer a vida dela de cantora, aí as freiras me criaram também, aí Lia terminou de me criar.

Lia cantando *Preta Cirandeira*
Olha eu vi uma preta cirandeira
Brincando com um ganzá na mão
Brincando ciranda animada

No meio de uma multidão
Menina eu parei fiquei olhando
A preta pegou a improvisar
Eu perguntei: "quem é essa negra?"
Eu sou Lia de Itamaracá
A ciranda vai, vai, vai
A ciranda vem, vem, vem
A ciranda só presta na praia
Pra gente brincar mais um bem
A ciranda vai, vai, vai
A ciranda vem, vem, vem
A ciranda só presta na praia
Pra gente brincar mais um bem

(V.O) ISAAR: É sempre uma referência desde que eu resolvi abraçar a minha causa como cantora, porque eu era com banda toquei com Comadre Florzinha, depois toquei com DJ Dolores quando resolvi assumir o meu primeiro disco, *Isaar*, eu já trago Lia junto comigo. Para não me perder.

(PM) ISAAR: Eu tenho Lia junto para não me perder, para estar sempre com ela perto, de referência, de tudo, de me vestir, usar.

(V.O) ISAAR: De trazer um pouco essa alegria que é ela assim, na força das músicas, na força do cantar para falar a verdade, eu acho que é nessa referência que eu pego esse símbolo, de pessoas, de figuras, de mulheres negras, então a primeira pessoa que eu tentei me segurar para não me perder foi...

(PM) ISAAR: Lia de Itamaracá e até hoje.

(PM) GANGA BARRETO: Teve uma cena inclusive, há uns anos atrás, que a gente tava tocando no ponto dela aqui, que ela tinha o ponto cultural aqui na praia que ela saiu da casa, que ela tava e passou no ponto...

Lia de Itamaracá na praia

(V.O) GANGA BARRETO: E ela ficou tão ludibriada com sei lá, encantada digamos assim com o mar, e foi caminhando, foi caminhando e a gente viu Lia entrando dentro do mar, ela não teve noção do que tava fazendo, tanto que todo mundo saiu correndo atrás dela pra ver o que ela ia fazer no mar, tanto que ela adormeceu e a gente teve que pegar ela nos braços, sem entender o que foi que aconteceu. Eu acho que ela tem essa ligação realmente com a religião, com o Candomblé.

(PM) GANGA BARRETO: Eu acho que ela realmente é filha de Iemanjá. Ela puxa essa energia mesmo. Essa mulher que viveu

anos e anos se alimentando do mar. Ela tem a história da mãe dela que alimentava os irmãos, através do mar, através do rio, dos peixes. Então eu acho que ela tem essa ligação muito forte. E pra gente também isso transpassa, essa energia que ela tem para gente.

(PM) LIA DE ITAMARACÁ: Eu sou filha de Iemanjá, tenho muito respeito a ela, muito, muito, muito mesmo.

(V.O) PAULO ANDRÉ: Era os anos 70 e eu acho que naquela época, a cultura popular...

(PM) PAULO ANDRÉ: Era infinitamente mais valorizada digamos assim. A partir dos anos 80 digamos assim, eu costumo dizer que já no final dos anos 80 aqui em Pernambuco a cultura popular estava sendo colocado na prateleira de um museu.

Fotos de arquivo

(V.O) PAULO ANDRÉ: Até que vem a geração do Mangue. E ai o Chico Science e a Nação, usam os tambores de maracatu, então não havia ligação mais da classe média, com a cultura popular daquele momento. A cultura popular era uma coisa obscura, uma música de negro e pobre e suburbano. A partir dos anos 90 com essa geração do mangue, é que ai se torna cool...

(PM) PAULO ANDRÉ: Se torna uma coisa legal, a classe média valorizar essa música, digamos assim, mais suburbana, mais periférica.

(PM) CLÊNIO SIERRA: É quando aparece Beto, Beto vai aparecer na década de 90. Beto já tava morando na Europa, tinha um trabalho com Selma do Coco, um disco de Selma do Coco na Europa, e quando vem prá cá se interessa por Lia e vem. Atrás dela e ela aceita, ela não tem nada a perder na verdade. Ela já me disse e disse a outras pessoas que Beto tirou ela no fundo poço, ela tava no fundo do poço e Beto resgatou ela.

Fotos das capas dos LPs

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: Ela começou a excursionar pelo país todo, fez projeto com Pixinguinha, o Sesc dando apoio ela percorreu praticamente todo o Brasil pelo SESC. Beto conseguiu levar ela até a Europa. O disco Eu sou Lia quando saiu aqui em 2000 saiu também na França, pelo selo da Arion. Então a via dela se modificou.

(PM) CLÊNIO SIERRA: A partir do encontro com Beto Dias.

(PM) PAULO ANDRÉ: Eu convidei o Maracatu nação Pernambuco, para mostrar para galera jovem, que eu tava mirando como público, de onde o Chico tava tirando aquela música dele.

(V.O) PAULO ANDRÉ: O festival contribuiu com isso, eu lembro que em 97, a gente convidou a Selma do Coco e dona Selma do Coco foi ovacionada no festival.

(PM) PAULO ANDRÉ: Eu lembro bem que o...

Fotos da matéria

(V.O) PAULO ANDRÉ: Pedro Alexandre Sanches que era crítico da Folha de São Paulo, ele colocou Abril pro Rock na capa da Ilustrar do caderno de cultura da Folha de São Paulo. E a maior foto da matéria, era uma foto de Lia, debruçada na janela...

(PM) PAULO ANDRÉ: Da casa dela, com um pôster de Roberto Carlos ao fundo. E aí eu fiquei pensando assim "Nossa, a galera de São Paulo que gosta de Rock de bandas novas, não tá entendendo nada." Uma matéria sobre Abril pro Rock, era quinta edição, era sexta edição aliás do festival. E estampando a matéria uma foto de Lia e aí também foi uma outra catarse. Eu lembro que um dos críticos do sudeste quando viu aquela cena, jovens com camisa do metálica, dando as mãos e dançando ciranda, se eu não me engano foi o Ricardo Alexandre que era do estado de São Paulo e falou "Isso é que é uma rave. Isso é que é uma dança coletiva. Estou vendo as pessoas indo a loucura, ao som de uma senhora negra cantando ciranda."

Lia entrando na escola.

(PM) Para senhora o que é ciranda?

(PG) LIA DE ITAMARACÁ: A ciranda é uma dança de roda, onde começa pelas crianças.

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: Onde todo mundo dar-se as mãos.

(PM) LIA DE ITAMARACÁ: Muito amor, muito carinho, muita calma, muita tranquilidade, a ciranda para mim é um dez.

(PM) Com quem a senhora aprendeu a dançar ciranda?

(PM) LIA DE ITAMARACÁ: Comigo mesma. É um dom que Deus me deu, de cantar, de dançar, ver os outros cantarem e dançar também. Aí eu aprendo mais do que já sei. Tem mais?

(PP) CARLA MANUELA: O que é cultura para a senhora?

(PA) LIA DE ITAMARACÁ: A cultura da ciranda é um cavalo marinho, é um carnaval, tá vendo você? Como "é a coisa"?

Coco de roda e por aí vai. Eu vou arrastando vocês "tadinhos" para dançar comigo.

Lia cantando *Meu Cachorro Peri*

O meu cachorro Peri, bebeu água no canal (2X)

É mentira de vocês, cachorro sabe nada (2X)

Eu fui para escola, aprender o B, A, B, A (2X)

A, B, C, C, B, A

(PM) BRENO MACHADO: Eu sabia que ela ia chegar assim, eu estava na sala fazendo o dever, ela chegou de repente.

(PM) LAÍS GABRIELA: Perguntaram o que era cultura. Eu perguntei né? Perguntaram o que era o povo. Um bocado de coisa. A senhora poderia ensinar a ciranda para a gente?

Lia ensina as crianças como dançar ciranda e a cantar a música, moça namoradeira

(PG) LIA DE ITAMARACÁ: Ô, moça namoradeira

Lá na porteira onde os pássaros cantavam

Ô, moça namoradeira

Lá na porteira onde os pássaros cantavam

Ela chorava, se lamentava

Por ter perdido o amor que tanto amava

(V.O) BRENO MACHADO: Ela me chamou para frente, para o meio da roda.

(PM) CARLA MANUELA: Eu achei incrível aquela parte que estávamos ensinando uma música para ela, porque eu pensava que ela sabia todas por isso eu pedi para ela cantar essa música e ela disse que não sabia.

As crianças cantam juntos o Hino de *Ilha de Itamaracá*

Mais amor e mais poesia

Neste mundo não há, não há

Do que o mar beijando a areia

Das praias de Itamaracá

Do que o mar beijando a areia

Das praias de Itamaracá

Lua cheia, diga-me ó lua

Se já viste uma coisa assim:

Toda a ilha é um perfume

Da doce manga jasmim.

Mais amor e mais poesia

Neste mundo não há, não há

Do que o mar beijando a areia

Das praias de Itamaracá

Do que o mar beijando a areia

(PM) Carla Manuela: Eu gostei demais de ensinar uma música a ela, ela tá ensinando várias a gente. A gente ensinou uma a ela

As crianças e Lia cantam, "Quem me deu foi Lia. "

(V.O) LIA DE ITAMARACÁ: O meu futuro, a velhice já tá chegando tranquila, calma, com muita calma e não perder o modo de viver.

(V.O) SANDRA NASCIMENTO: Eu acredito como muitas pessoas que acontece ai de artistas.

(PM) SANDRA NASCIMENTO: Eu tenho ela para mim como uma artista. Que com tempo vai se apagar, vai ser lembrado, com o tempo, mais depois vai se apagar. Até porque ninguém da família dela, ninguém seguiu, só ficou nela mesmo. Mais nenhum sobrinho, porque a família dessa é grande, ninguém se interessou, ai é uma pena.

(PM) MARIA ALICE AMORIM: Ela não tem digamos, nenhum discípulo nesse momento. Tem várias pessoas da comunidade que acompanham, pessoas de fora da comunidade que vão. Músicos e poetas também, que tenham interação. Então eu fico imaginando que em algum momento exista algum discípulo dela, porque essa convivência, existe essa relação de admiração e existe afinidade, de poetas com essa expressão poética. Expressão poético musical. Eu espero, eu torço que isso realmente aconteça.

(PP) LIA DE ITAMARACÁ: Dona Selma morreu, não é uma conquista? Mais as filhas dela ficaram com tudo o que era dela, as netas, tá fazendo o show dela. Isso aí não morreu, mas Salustiano não morreu, mas a música não morreu, a ciranda não morreu, tá continuando. Morre Lia, mas o trabalho de Lia está continuando, tá sendo reconhecido.

(PM) TONY BOY: Imortal. Tudo de Lia é imortal.

Pessoas dançando e Lia cantando *Olê, Olã*
Carneiro quando se banha
Mete o pé sacode a lã.
Olê, olê, olã
O galo canta é de manhã.
Olê, olê, olã
Carneiro quando se banha
Mete o pé sacode a lã.
Carneiro quando se banha
Mete o pé sacode a lã.
Olê, olê, olã

O galo canta é de manhã.
Olê, olê, olã

Créditos finais